

PORQUE SÃO PAULO, EM 1932, NÃO AVANÇOU PARA O RIO

Hélio DAMANTE

Um dos mitos criados ao redor da Revolução de 1932 tem por favas contadas que o grande erro dos constitucionalistas de São Paulo foi não ter marchado diretamente para o Rio de Janeiro e tomado o poder, exorcisando os tenentes. As circunstâncias lhes seriam todas favoráveis, já que detinham o monopólio do transporte ferroviário e rodoviário e tinham apoio popular e logístico. Bastaria às tropas paulistas embarcar, aqui, nos vagões da “Central do Brasil” para desembarcar triunfalmente no coração da metrópole brasileira, colhendo de passagem a adesão das guarnições aquarteladas ao longo do percurso e da população.

Embora o então coronel Euclides Figueiredo, um dos principais chefes da revolução, tenha contestado com provas essa versão, no seu livro **Contribuição para história da Revolução Constitucionalista de 1932**, o mito não se abalou e prevalece ainda hoje. Jânio Quadros e Afonso Arinos de Melo Franco, em sua **História do Povo Brasileiro**, a endossam, com autoridade não de historiadores, que não o são, mas de testemunhas qualificadas da história recente da República.

Com a forma de breve comunicação a um boletim historiográfico, “Informativo do Instituto de Estudos Valeparaibanos” (nº 69), e sob o título **Resende na Revolução de 1932**, o professor Hélio Cezar da Costa, dessa cidade fluminense, traz novos dados que confirmam a tese do coronel Figueiredo. Sem entrar no mérito da questão, comprova que “o passeio para o Rio não poderia ter sido realizado com êxito nas circunstâncias que cercaram o deflagrar da Revolução Constitucionalista. Com o apoio de documentos, especialmente ao que parece dos jornais locais, revela que, três meses antes do 9 de julho, tropas federais ocupavam Resende, como o haviam feito antes com Barra Mansa (QG do general Góis Monteiro) e Barra do Pirai, aferrolhando a passagem para o Rio.

Prontos para o combate, montaram na Santa Casa resendense um hospital de sangue, com pessoal médico e paramédico militar e o concurso do cirurgião local. Os dois cinemas e os dois grupos escolares da velha cidade foram requisitados para quartel, suspendendo-se as aulas.

A 10 de março, um pelotão de cavalaria do Exército acantonava em Resende. Tratava-se, fora de dúvida, da vanguarda de um forte continente de 800 homens, composto de três unidades e sob o comando do coronel Manuel de Cerqueira Daltro Filho, que preparava a resistência à eventual ofensiva vinda de São Paulo. Nessa mesma data, conforme pesquisa do professor Hélio César da Costa, chegava a Resende o presidente Getúlio Vargas, em visita às tropas. Em discursos, concitava-as a defender a ordem legal. Não poderia haver advertência mais clara sobre as disposições do poder central diante de uma iminente revolução, mas faltava a São Paulo um bom serviço de contra-informação...

Dias depois fez-se visível o deslocamento dessas unidades para as divisas Rio/São Paulo ocupando fazendas abandonadas por seus moradores ante a ameaça da guerra civil. Mais reforços deslocaram-se para a frente paulista. Entre eles, segundo o relato do professor Hélio Cezar, um forte contingente de artilharia, procedente de Cabedelo (Paraíba) e composto de 400 homens. Acrescentemos que, viajando por mar dessa cidade ou do Recife para o Rio de Janeiro, daí seguindo pela ferrovia até Resende, demorou no percurso quinze ou vinte dias, como é provável, transportando ainda muares, canhões e munições; a tropa o fez em tempo recorde. Mas o que nos interessa aqui é o fato de que deixara sua base dias antes de começar a revolução em São Paulo.

Tudo isso e mais providências adotadas nas divisas de Paraná e de Minas Gerais provam que o cerco militar de São Paulo fora cuidadosamente planejado e executado em termos de Estado-maior, com prioridade para a defesa da capital da República.

No início das hostilidades, Vargas mais uma vez visitou a frente paulista, acompanhado de seu ministro da Guerra, general Espírito Santo Cardoso, e o fará novamente em agosto, prova da importância em que tinha aquele setor. Em nenhum instante, porém, o governo federal seria apanhado de surpresa pelos acontecimentos, nem se deteta qualquer sinal de uma ofensiva paulista sobre o Rio de Janeiro.

Euclides Figueiredo explica por que: como comandante defrontava-se com sérias dificuldades no Vale do Paraíba. Mais de 24 horas depois de irrompido o movimento militar, os regimentos de Lorena e

Caçapava não se haviam definido a favor ou contra São Paulo. Seria temerário, escreve, atirar toda a tropa para a frente sem outras considerações de ordem militar.

Nenhum confronto decisivo se iria verificar nessa área antes da queda do Túnel, na frente mineira, para onde se transferira o eixo das operações. A queda daquele ponto estratégico marca o início do desmoronamento de frente norte paulista e o começo do fim da Revolução. Neste interim, travam-se violentos combates. Num deles, em Silveiras, morre o capitão Cícero Augusto de Góes Monteiro, de 32 anos, irmão do general Góes Monteiro.

Em meados de setembro, relata o nosso cronista, as tropas de Resende deslocaram-se para Cruzeiro. A cidade gradativamente retornou à normalidade, após 76 dias em que vivera praticamente na frente de batalha. Não obstante, sofreu um único bombardeio aéreo, sem vítimas, e em nenhum momento esteve ameaçada de cair em mãos dos paulistas.

Euclides Figueiredo chama de “estrategistas de café” aqueles que no Rio de Janeiro e alhures, não entenderam os motivos que o fizeram deter as tropas paulistas na linha Salto/São José do Barreiro e o criticaram por não as ter jogado para diante “num golpe aventureiro”. É preciso que novas pesquisas reconstituam a guerra paulista nas várias frentes de batalha, tão bem delineadas no famoso mapa de J. Wash Rodrigues, como acaba de fazê-lo o professor Hélio César em relação àquele setor da camada “Frente Norte”.